

A IDADE PRECOCE DE INGRESSO ESCOLAR TEM IMPACTO NAS APTIDÕES ESCOLARES E NAS COMPETÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS?

Tânia Carvalho

Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade
Lusíada de Lisboa

Teresa Santos

Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade
Lusíada de Lisboa
FMH, Faculdade de Motricidade Humana (Projecto Aventura Social-Social Adventure Team)/Uni-
versidade de Lisboa, Portugal

Tania Gaspar

Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade
Lusíada de Lisboa
FMH, Faculdade de Motricidade Humana (Projecto Aventura Social-Social Adventure Team)/Uni-
versidade de Lisboa, Portugal
ISAMB, Instituto de Saúde Ambiental, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Portugal

Túlia Cabrita

Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social (CLISSIS), Universidade
Lusíada de Lisboa

Adilson Marques

ISAMB, Instituto de Saúde Ambiental, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Portugal
Centro Interdisciplinar do Estudo da Performance Humana, Faculdade de Motricidade Humana,
Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Resumo: Dada a escassez de estudos referentes ao impacto da idade de ingresso escolar nas aptidões escolares e nas competências pessoais/sociais de crianças em Portugal, torna-se pertinente estudar este fenómeno. O objetivo deste estudo visa descrever e comparar as aptidões escolares e as competências pessoais/sociais, em dois grupos de alunos com diferentes idades de ingresso escolar (5 e 6 anos de idade).

Participaram 153 crianças Portuguesas (51% rapazes) no presente estudo, com idades entre os 7 e os 8 anos e com 7.30 ± 0.46 média de anos de idade.

Os resultados demonstraram que para a variável aptidões escolares (nas dimensões de relações espaciais, constância da forma, orientação espacial e escala total) não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas. Porém, verificaram-se diferenças significativas nas dimensões de compreensão verbal e conceitos quantitativos, sendo que as crianças que ingressaram com 5 anos no ensino escolar apresentaram resultados estatisticamente significativos mais baixos, do que as crianças que ingressaram aos 6 anos de idade. No que diz respeito às competências pessoais e sociais não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos etários.

Os presentes resultados obtidos, que na generalidade sugerem semelhanças (mais do que diferenças) entre os dois grupos de idades quanto às aptidões escolares e competências pessoais/sociais podem conduzir a uma reflexão final, que passa por reforçar a ideia da entrada das crianças no ensino escolar aos 6 anos (idade definida pela lei Portuguesa em vigor), e não, precocemente. Contudo, mais investigações são necessárias com o intuito de aumentar o conhecimento sobre esta área.

Palavras-chave: Idade de ingresso escolar, Aptidões escolares, Competências pessoais e sociais, Crianças de idade escolar.

Abstract: Due to the scarcity of studies concerning the impact of school entry age on school skills and on personal/social skills of children in Portugal, it is pertinent to study this phenomenon. This study aims to describe and compare school skills and personal/social skills in two groups of students with different school entry ages, 5 and 6 years old, respectively.

A total of 153 Portuguese children (51% boys) aged between 7 and 8 years, with a mean of 7.30 ± 0.46 years old participated in the study.

The results showed that no statistically significant differences were found for the variable school skills in its dimensions: spatial relationships, constancy of form, spatial orientation and total scale. However, significant differences were observed in the dimensions verbal comprehension and quantitative concepts: children with school entry age of 5 years old presented statistically significant lower results than children with school entry age of 6 years old, for those same dimensions. Regarding personal/social skills, there were no statistically significant differences between the two age groups.

The present results, which generally suggest similarities (more than differences) between the two age groups in terms of school skills and personal/social skills, can lead to a final reflection that reinforces the idea of children entering the school at age 6 (age defined by the actual Portuguese law), and not, early. However, more research is needed to increase knowledge concerning this area.

Keywords: School entry age, School skills, Personal/social skills, School-age children.

Introdução

As competências pré-escolares apresentam-se determinantes para o início de um processo de educação, que se prolonga pela vida fora apresentando-se cruciais para o desenvolvimento de habilidades e aptidões em vários domínios essenciais (leitura, escrita e cálculo), para a estimulação da componente pessoal (atitudes, autoestima e autoconfiança) e para as interações sociais da criança. Deste modo, as competências pré-escolares apresentam-se uma base essencial para uma escolaridade bem-sucedida.

Em Portugal, “A matrícula de crianças que completem 3 anos de idade até 15 de setembro, ou entre essa idade e a idade de ingresso no 1.º ciclo do ensino básico, é efetuada na educação pré-escolar. A matrícula de crianças, na educação pré-escolar, que completem 3 anos de idade entre 16 de setembro e 31 de dezembro é aceite, a título condicional, dependendo a sua aceitação definitiva da existência de vaga nas turmas já constituídas (...). Em Portugal, “A frequência do ensino básico ou do ensino secundário é obrigatória para os alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos (...)”. De acordo com a lei em vigor em Portugal, “A matrícula no 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico é obrigatória para as crianças que completem 6 anos de idade até 15 de setembro. As crianças que completem os 6 anos de idade entre 16 de setembro e 31 de dezembro podem ingressar no 1.º ciclo do ensino básico se tal for requerido pelo encarregado de educação, dependendo a sua aceitação definitiva da existência de vaga nas turmas já constituídas (...)” [Despacho n.º 5048-B, 2013, p. 12320-(4;5)].

As competências pessoais e sociais apresentam um papel crucial no desenvolvimento das crianças e adolescentes e no seu comportamento perante os fatores de risco (Gaspar & Matos, 2015). As competências pessoais e sociais aparecem ao longo da infância ou adolescência, e são resultantes de uma relação entre o sujeito e o meio. Sempre que tal situação não se verifique, poderão ocorrer situações de ansiedade, diminuição da autoestima e isolamento social, as quais poderão ter grande impacto ao nível do desenvolvimento positivo do sujeito (Beauchamp & Anderson, 2010).

Tendo em conta a teoria de Piaget, a criança com idades entre 2 anos e os 6-7 anos, insere-se no estágio pré-operatório, que decorre no período pré-escolar, onde se torna mais sofisticada no uso do pensamento simbólico, mas não conseguindo ainda usar a lógica. O pensamento simbólico caracteriza-se pela capacidade de usar representações mentais às quais a criança atribui um significado. São capazes de realizar relações causa-efeito e apresentam destreza na classificação e compreensão do número (Papalia et al., 2001; Piaget, 1971, 1986).

A criança com idades compreendidas entre os 6-7 anos e os 10-11 anos, insere-se no estágio operatório concreto, onde passa a relaciona-se com o mundo através das ações adquiridas anteriormente e das ações mentais alcançadas neste estágio, permitindo-lhe compreender a reversibilidade das mudanças e ir para além da informação disponível. Assim, a criança utiliza as operações concretas, uma vez que as ações são agora interiorizadas e reversíveis, admitindo leis de totalidade aplicadas a conteúdos concretos. A criança vem apresentando um pensamento operatório, que lhe possibilita a resolução de problemas mais diversificados utilizando conceitos globais, como as categorias gerais ou simbólicas, e em simultâneo, atender a vários pontos de vista e dimensões (Lourenço, 2005; Piaget, 1971, 1986). Nesta nova etapa, poderíamos dizer que as crianças raciocinam de uma forma mais lógica, não são tão dependentes da aparência perceptiva dos estímulos, apresentam uma atenção mais seletiva, uma memória mais estratégica e segura e, aumentam de uma forma espantosa a qualidade e a quantidade de conhecimentos acerca de vários aspetos da realidade. Piaget realça a forma de pensar das crianças pequenas (antes dos seis anos) e das maiores (dos seis aos doze anos) e salienta as suas diferenças estruturais. As crianças em idade escolar utilizam determinadas estratégias lógicas e racionais que as crianças menores não utilizam. As crianças maiores conseguem elaborar explicações racionais e generalizáveis, mais objetivas e com coerência interna, enquanto que as crianças pequenas deixam-se levar muito mais pela intuição e pelas observações subjectivas (Piaget, 1971, 1986). Assim, os argumentos utilizados pelas crianças com mais de seis anos são geralmente mais justificados e arrazoados do que os utilizados pelas crianças menores. De acordo com esta visão, as crianças do ensino básico entrariam na designada "idade da razão", uma idade que as afasta de uma forma de pensar mais intuitiva e subjectiva característica das crianças menores (Martí, 2004). Piaget realçou a reversibilidade como marca de excelência do pensamento lógico, salientando um pensamento que compreende a subtração como o que anula a adição ou simplesmente como o inverso; compreende a divisão como o oposto da multiplicação; ou, a radiciação como o oposto da potenciação. A reversibilidade, característica da inteligência operatória, é vista como uma das características que melhor descreve ou esclarece em termos formais, o nível de desempenho das crianças depois dos sete anos, em regra, nas diversas provas de pensamento operatório concreto de Piaget (Lourenço, 2005; Piaget, 1971, 1986).

O presente artigo apresenta como objetivo geral, a comparação de dois grupos de crianças com diferentes idades de entrada no 1º ciclo: crianças com 5 anos de idade a fazer 6 até 31 de dezembro e crianças com 6 anos de idade a fazer 7 no início do ano seguinte, tendo presente que no momento, estas se encontram a frequentar o 2º ano de escolaridade. Este objetivo foi desdobrado nos dois objetivos específicos, a seguir: descrever e comparar as aptidões escolares e as competências pessoais e sociais nos dois grupos de alunos com diferentes idades de ingresso (5 e 6 anos de idade) e, comparar as aptidões escolares e as competências pessoais e sociais, de acordo com o género dos participantes e as habilitações literárias dos pais (proxy ao estatuto sociodemográfico).

Metodologia

Participantes

O presente estudo contou com a participação de 153 crianças (das quais 49 % são raparigas e 51% são rapazes), com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos de idade e com 7.30 ± 0.46 média de anos de idade, a frequentar o 2º ano de escolaridade do 1º ciclo, em escolas públicas e privadas. O estudo contemplou 6 escolas públicas e 4 privadas todas pertencentes ao distrito de Lisboa. Os critérios de inclusão dos sujeitos no estudo implicam que sejam crianças que se encontrem a frequentar a escola primária, no 2º ano de escolaridade do 1º ciclo; que estudem no distrito de Lisboa; que tenham entrado para a escola primária com 5 anos de idade a fazer 6 até 31 de Dezembro; que tenham entrado para a escola primária com 6 anos de idade a fazer 7 no início do ano seguinte; frequência da mesma escola no 1º e 2º ano de escolaridade; crianças não portadoras de deficiência (intelectual ou motora).

Instrumentos

No que diz respeito aos instrumentos, foram usados um questionário sociodemográfico, a prova BAPAE – Bateria de Aptidões para a Aprendizagem Escolar e a escala “Para mim é fácil” – Escala de Avaliação de Competências Pessoais e Sociais. O questionário sociodemográfico visou recolher informação de carácter sociodemográfico, incluindo variáveis pessoais, sociais e demográficas, tais como: idade; sexo; habilitações literárias; estatuto sociodemográfico; uso de medicação; existência de acompanhamento psicológico ou psiquiátrico; idade de entrada na escola; número de reprovações; entre outros.

A BAPAE, prova da autoria de M.^a Victoria de la Cruz, procurou avaliar um conjunto de aptidões básicas, necessárias à aprendizagem escolar, designa-

damente a compreensão verbal, a aptidão numérica e a aptidão perceptivo-visual. Trata-se de um instrumento composto por cinco dimensões: BAPAE_CV - compreensão verbal, BAPAE_RE - relações espaciais, BAPAE_CQ - conceitos quantitativos, BAPAE_CF - constância da forma, BAPAE_OE - orientação espacial e ainda, a BAPAE_TOTAL - Bateria de Aptidões para a Aprendizagem Escolar, escala total (Cruz, 1996). A escala “Para mim é fácil” (PMF) é um instrumento de medida das competências pessoais e sociais, construído e validado pela Equipa Aventura Social, composto por 5 dimensões da competência social e pessoal: Resolução de Problemas, Competências Básicas, Regulação Emocional, Relações Interpessoais e Definição de Objetivos (Gaspar e Matos, 2015).

Procedimentos

Inicialmente, foram contactadas as escolas, presencialmente ou por escrito, explicando o propósito do estudo e solicitando a respetiva autorização. Foi entregue um pedido de colaboração no estudo, contendo diversos detalhes do mesmo. Após a autorização do estudo pelo diretor, e devidamente assinado o consentimento informado dos pais, estabeleceu-se o contacto com o professor da turma de 2º ano no sentido de planear a recolha de dados. Numa primeira fase, foi marcada data com o professor da turma de 2º ano para efetuar a entrega do questionário sociodemográfico e dos consentimentos informados para serem entregues aos encarregados de educação/pais. Numa segunda fase, com os consentimentos informados e os questionários sociodemográficos devidamente preenchidos, foi agendado com o professor, uma data para a recolha de dados. A aplicação de provas contou com uma única sessão, com a duração aproximada de uma hora, realizada coletivamente, em contexto sala de aula. Foram utilizados para a recolha de dados dois instrumentos, nomeadamente a “BAPAE” - bateria de aptidões para a aprendizagem e a escala “Para mim é fácil” - escala de avaliação de competências pessoais e sociais. Após o preenchimento dos instrumentos, estes foram recolhidos um a um, sendo em simultâneo confirmado o preenchimento de todos os itens.

Análise de dados

A estatística descritiva foi usada para a análise das variáveis demográficas referentes ao grupo total de crianças. Os dados foram testados quanto à normalidade, usando para o efeito os testes de Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnov, e ainda, o teste de Levene para a homogeneidade da variância. Sendo a amostra de dimensões superiores a 30, assumiu-se a distribuição normal da mesma, de acordo com a teoria do limite central (Field, 2009).

No presente estudo, para a respetiva amostra de participantes foram cal-

culados os valores de Alpha de Cronbach para as várias dimensões da escala “Para mim é fácil” bem como para a escala total. Uma vez que se verificou que os valores de Alpha obtidos nas várias dimensões da escala para o presente estudo são maioritariamente abaixo do que é considerado como uma fiabilidade aceitável, as análises estatísticas relativamente à mesma, foram efetuadas usando apenas o valor da escala total ($\alpha=0.84$). O *t-test* para amostras independentes e a ANOVA foram usados para determinar as diferenças entre os grupos de crianças que entraram na escola com 5 ou 6 anos, bem como as diferenças de acordo com o género dos participantes e as habilitações literárias dos pais.

Todas as análises estatísticas foram realizadas com recurso ao software IBM SPSS Statistics 22 e a significância estatística foi definida em $p<0.05$ (Field, 2009).

Resultados

Os participantes pertencem maioritariamente do género masculino (51%), de nacionalidade Portuguesa (98.7%), residem na zona de Lisboa e Vale do Tejo (90.1%), em zona urbana (61.2%). Todas as crianças frequentam o 2º ano do 1º ciclo, em escolas públicas e privadas e, anteriormente, a maioria frequentou o ensino pré-escolar (96.7%), sendo que as crianças que frequentaram o ensino pré-escolar indicaram ter 3 ou mais anos de ensino pré-escolar (53.4%). Os dados são apresentados com mais pormenor na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização da amostra

	Total Grupo	N=153
Idade (anos) (M±SD)		7.30±0.46
Idade de entrada no primeiro ciclo (anos) (M±SD)		5.73±0.44
Género (%)		
Feminino		49.0
Masculino		51.0
Nacionalidade (%)		
Portuguesa		98.7
Outra		1.3
Zona de residência (%)		
Centro		9.2
Lisboa e Vale do Tejo		90.1
Outro		0.7
Caracterização da zona de residência		
Rural		10.2
Urbana		61.2

	Total Grupo	N=153
Suburbana		28.6
Frequência de ensino pré-escolar (%)		
Sim		96.7
Não		3.3
Anos de frequência do ensino pré-escolar		
< 3 anos		46.7
≥ 3 anos		53.4

Comparações para as Variáveis Competências Pessoais e Sociais e Aptidões Escolares, de acordo com a Idade de Ingresso Escolar

As comparações para as variáveis competências pessoais e sociais e aptidões escolares, de acordo com a idade de ingresso escolar são apresentadas na **Tabela 2**.

Através da análise do *t-test*, foi possível efetuar comparações para as variáveis competências pessoais e sociais e aptidões escolares de acordo com a idade de ingresso escolar. Os resultados indicaram que não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de crianças que ingressaram respetivamente, aos 5 ou 6 anos de idade, no que diz respeito às Competências Pessoais e Sociais. O mesmo foi verificado para a variável aptidões escolares, especificamente nas suas dimensões relações espaciais, constância da forma, orientação espacial, e escala total. Contudo, foram verificadas diferenças estatisticamente significativas para a variável aptidões escolares nas suas dimensões de compreensão verbal e conceitos quantitativos, tendo-se observado que as crianças que ingressaram com 5 anos no ensino escolar apresentaram resultados estatisticamente significativos mais baixos, comparativamente às crianças que ingressaram aos 6 anos de idade, para as essas mesmas dimensões, respectivamente a compressão verbal (51.95 ± 20.00 vs. 62.86 ± 22.20 , $t(151) = -2.76$, $p = 0.006$) e os conceitos quantitativos (70.98 ± 27.31 vs. 79.98 ± 22.70 , $t(151) = -2.06$, $p = 0.042$).

Tabela 2. Diferenças entre as crianças de 5 e 6 anos para as variáveis competências pessoais e sociais e aptidões escolares

(M±SD)	Idade de ingresso escolar		
	5 anos de idade	6 anos de idade	<i>p</i>
PMF_TOTAL ¹	3.65±0.49	3.60±0.47	0.627
BAPAE_CV ¹	51.95±20.00	62.86±22.20	0.006**

(M±SD)	Idade de ingresso escolar		
	5 anos de idade	6 anos de idade	<i>p</i>
BAPAE_RE ¹	72.63±24.15	77.75±24.11	0.247
BAPAE_CQ ¹	70.98±27.31	79.98±22.70	0.042*
BAPAE_CF ¹	55.83±26.71	51.02±25.14	0.304
BAPAE_OE ¹	67.41±34.19	68.63±35.04	0.849
BAPAE_TOTAL ¹	75.80±6.12	77.00±6.97	0.334

¹ Análise realizada com o teste T-Test (teste *t* de Student)

****p* < .001; ***p* < .01; **p* < .05

BAPAE - Bateria de Aptidões para a Aprendizagem Escolar; BAPAE_CF - BAPAE, dimensão constância da forma; BAPAE_CQ - BAPAE, dimensão conceitos quantitativos; BAPAE_CV - BAPAE, dimensão compreensão verbal; BAPAE_OE - BAPAE, dimensão orientação espacial; BAPAE_RE - BAPAE, dimensão relações espaciais; PMF_TOTAL-Escala "Para mim é fácil", escala total.

Comparações para as Variáveis Competências Pessoais e Sociais e Aptidões Escolares, de acordo com o Género dos Participantes e as Habilitações Literárias dos Pais

Através do *t-test* e da ANOVA, foi possível realizar comparações para as variáveis competências pessoais e sociais e aptidões escolares, de acordo com o género dos participantes e as habilitações literárias dos pais (consideradas um *proxy* para a avaliação do estatuto socioeconómico). Os resultados indicaram que não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas relativamente ao género dos participantes e habilitações literárias dos pais para a variável aptidões escolares (escala total e todas as dimensões) e para a variável competências pessoais e sociais.

Discussão

Os objectivos do presente trabalho focaram a descrição e comparação das aptidões escolares e das competências pessoais e sociais nos dois grupos de alunos com diferentes idades de ingresso escolar (5 e 6 anos de idade).

No que diz respeito às competências pessoais e sociais não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos etários. A explicação destes resultados pode estar relacionada com o que é indicado na literatura, nomeadamente que a aprendizagem das competências pessoais e sociais começa no início da vida estendendo-se ao longo desta, ocorrendo geralmente como

um processo de imitação, que realça o papel dos modelos sociais disponíveis no envolvimento do indivíduo (Bandura, 1976). O facto da maioria das crianças ter frequentado o ensino pré-escolar, com uma duração igual ou superior a três anos, desenvolvendo de forma transversal as suas competências pessoais e sociais ao longo destes anos, poderá influenciar os resultados obtidos. Estes resultados poderão também ser relacionar-se com outros fatores não estudados, tais como as influências parentais.

No decorrer do ensino básico fortalece-se o protagonismo dos pares enquanto agentes socializadores. As crianças experimentam melhorias significativas nas diversas habilidades sociais, diretamente envolvidas nas interações com seus pares (Moreno, 2004). As crianças que se diferenciam face à idade podem, contudo, ser consideradas pares, sempre que ajustem o seu comportamento às capacidades de outros e partilhem interesses e objetivos semelhantes (Shaffer, 2005). A realização de atividades com os pares é benéfica para as crianças a vários níveis. As crianças aumentam as suas competências ao nível da sociabilidade e da intimidade, fortalecem as relações sociais e alcançam um sentimento de pertença (Papalia et al., 2001). As interações entre diferentes faixas etárias, onde uma criança (a mais velha) possui maior poder que a outra, ainda que possam ter algumas desigualdades, podem ser úteis porque permitem à criança adquirir determinadas competências sociais. As crianças mais novas tiram proveito das interações com diferentes faixas etárias, conseguindo dos colegas mais velhos habilidades novas e, ao mesmo tempo, aprendem a procurar ajuda e a obedecer de forma prestável a esses elementos. As crianças mais velhas usualmente comandam as interações entre crianças de diferentes idades, ajustando o seu comportamento à capacidade dos companheiros mais novos (Shaffer, 2005). Deste modo, verificamos que as interações entre diferentes faixas etárias, podem favorecer as crianças de ambas as idades e auxiliar no desenvolvimento das suas Competências Pessoais e Sociais, podendo explicar os resultados obtidos.

Para a variável aptidões escolares (nas dimensões de relações espaciais, constância da forma, orientação espacial e escala total) também não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas. Porém, verificaram-se diferenças significativas nas dimensões de compreensão verbal e conceitos quantitativos, sendo que as crianças que ingressaram com 5 anos no ensino escolar apresentaram resultados estatisticamente significativos mais baixos do que as crianças que ingressaram aos 6 anos de idade, para essas mesmas dimensões. Importa referir que, abordamos crianças com diferentes idades, inseridas em dois estádios diferentes segundo a teoria de Piaget (Lourenço, 2005). A criança no estádio pré-operatório (dos 2-3 aos 6-7 anos), é uma criança com egocentrismo intelectual, dificuldades na compreensão do ponto de vista do outro, devido à centração em si própria, a qual vai diminuindo à medida que vai progredindo nos estádios. As crianças deste estádio apresentam uma menor compreensão quer acerca de si

próprias, quer do entendimento dos outros e do mundo que as rodeia (Tavares et al., 2007). Deste modo, os resultados vão de encontro com a literatura apresentada, uma vez que, as crianças que ingressaram com 5 anos no ensino escolar (no momento, com 7 anos de idade) apresentaram resultados estatisticamente significativos mais baixos do que as crianças que ingressaram aos 6 anos de idade (atualmente com 8 anos de idade), apresentando uma menor compreensão verbal e vocabulário.

Já no estágio operatório (a partir dos 6-7 anos), as crianças parecem raciocinar de uma forma mais lógica, não tão dependentes da aparência perceptiva dos estímulos, exibindo uma atenção mais seletiva, uma memória mais segura e estratégica, aumentando de forma considerável a qualidade e quantidade de conhecimentos acerca de diversos aspetos da realidade (Martí, 2004). As crianças do estágio pré-operatório (dos 2-3 aos 6-7 anos), apresentam conclusões incoerentes pois não se conseguem descentrar, pensando simultaneamente em vários aspetos de uma situação (Papalia et al., 2001). Devido à dificuldade que estas crianças mais novas apresentam em se descentrar, torna-se difícil conseguir o pensamento abstrato e lógico necessário para a realização de operações quantitativas, podendo fundamentar os resultados significativamente mais baixos das crianças que ingressaram com 5 anos de idade. No estágio das operações concretas (a partir dos 6-7 anos) o pensamento é menos egocêntrico e intuitivo, tornando-se mais lógico, possibilitando a realização de operações mentais. A criança apresenta agora, uma reversibilidade de pensamento que a possibilita de entender que, por exemplo, $3+3$ são 6, e $6-3$ são 3, compreendendo que é possível somar e subtrair, uma vez que, estas operações estão relacionadas (Tavares et al., 2007). A reversibilidade é uma característica da inteligência operatória, apresentando-se uma das características que melhor descreve o grau de desempenho das crianças depois dos sete anos, em regra, nas várias provas de pensamento operatório concreto de Piaget (Lourenço, 2005).

Quanto ao segundo objetivo do estudo, foi possível comparar as Aptidões Escolares e as Competências Pessoais e Sociais, de acordo com o género dos participantes e as habilitações literárias dos pais (*proxy* para avaliar o estatuto sociodemográfico), não tendo sido verificadas diferenças estatisticamente significativas para ambas as variáveis.

No quadro geral dos resultados obtidos no presente estudo, salienta-se que o facto de não existirem diferenças estatisticamente significativas na generalidade entre os dois grupos de alunos (com exceção das dimensões compreensão verbal e conceitos quantitativos) poderá estar relacionado com a proximidade das idades da amostra. Tais idades da amostra podem apresentar-se bastante próximas à luz do enquadramento teórico apresentado, uma vez que, estamos a falar de crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos. A semelhança dos resultados obtidos para os dois grupos de crianças dos 5 e dos 6 anos pode

ainda levar a uma outra reflexão final, que se relaciona com a pressão sentida nos últimos anos no ensino pré-escolar, para um ingresso precoce no ensino escolar. Esta reflexão passa por observar que, se de facto os resultados obtidos são muito semelhantes, talvez seja necessário reforçar a ideia da entrada das crianças no ensino escolar, com a idade definida pela lei Portuguesa em vigor, ou seja, aos 6 anos de idade, e não precocemente.

O presente estudo apresenta limitações a serem consideradas. Uma primeira limitação prende-se com o tamanho da amostra (N=153), apresentando-se uma amostra não significativa e de pequena dimensão, que não permite generalizar os resultados para a população em geral. Uma segunda limitação prende-se com a amostra ter sido recolhida de forma transversal, não sendo possível acompanhar estas crianças noutro momento de investigação. Seria pertinente um estudo de acompanhamento ou longitudinal para apurar se as diferenças poderão ser mais visíveis noutra fase de adaptação escolar, nomeadamente na entrada do 2º ciclo de escolaridade, onde se alteram de forma mais marcada as rotinas escolares (e.g. passam a existir mais disciplinas/professores e um menor tempo de lazer).

Futuramente, seria importante a realização de novas investigações no intuito de aumentar o conhecimento sobre esta área. Seria pertinente uma replicação do estudo com crianças mais velhas, uma vez que, existe uma maior alteração na estrutura de ensino, por exemplo, ocorre um aumento do número de disciplinas e de professores, uma maior carga horária, entre outras alterações significantes. Poderiam ser realizados estudos com uma amostra (N) maior, procurando efetuar análises comparativas, obtendo um conhecimento mais amplo e abrangente e essencialmente, representativo da população.

Independentemente das limitações, ressalva-se que este estudo é relevante porque se trata de um tema inovador até ao momento em Portugal. A literatura alusiva a esta temática apresenta-se escassa, apresentando-se pertinente a continuidade da investigação. Assim, espera-se que o presente estudo contribua em geral, para aumentar o conhecimento sobre esta área e sobre as variáveis estudadas, de modo a ser possível analisar e transmitir os seus resultados à comunidade escolar, nomeadamente, pais e professores.

Referências

- Bandura, A. (1976). *Social Learning Theory*. New Jersey: Prentice Hall. doi:org/10.4135/9781412959193.
- Beauchamp, M., & Anderson, V. (2010). Social: An integrative framework for the development of social skills. *Psychological bulletin*, 136, 39-64. doi:org/10.1037/a0017768.
- Cruz, V. (1996). *Bateria de Aptidões para a Aprendizagem Escolar - BAPAE* (2.ª ed.).

- Lisboa: Cegoc-Tea.
- Despacho n.º 5048-B. (2013). *Diário da República* (2.ª série). [pp. 12320-(4)-12320-(8)].
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS (and sex and drugs and rock 'n' roll)* (3.ª ed.). London: Sage.
- Gaspar, T. & Matos, M. (2015). "Para mim é fácil": Escala de Avaliação de Competências Pessoais e Sociais. *Psicologia, saúde & doenças*, 16(2), 195-206. doi: <http://dx.doi.org/10.15309/15psd160206>.
- Lourenço, O. (2005). *Psicologia de desenvolvimento cognitivo: teoria, dados e implicações* (2.ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Martí, E. (2004). Processos cognitivos básicos e desenvolvimento intelectual entre os seis anos e a adolescência. In Coll, C., Marchesi, A. & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*, 1, (2.ª ed.) (pp. 233-251). Porto Alegre: Artmed.
- Moreno, M. (2004). Desenvolvimento e conduta sociais dos dois aos seis anos. In Coll, C., Marchesi, A. & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*, 1, (2.ª ed.) (pp. 214-229). Porto Alegre: Artmed.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da criança* (8.ª ed.). McGraw-Hill.
- Piaget, J. (1986). *A Linguagem e o pensamento da criança*. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes.
- Piaget, J. (1971). *A epistemologia genética*. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes.
- Shaffer, D. (2005). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monteiro, S. & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do desenvolvimento e aprendizagem*. Porto: Porto Editora.